

O CONCEITO DE RACIONALIZAÇÃO

Orlando Ferreira de Melo

Professor da FURB e do CPGD-UFSC - Especialização

O objeto deste estudo é examinar o conceito de “racionalização” em Alf Ross segundo expresso em sua obra ON LAW AND JUSTICE, editado em Londres, 1958. Trabalhamos sobre a segunda edição em língua espanhola, publicada em 1970 pela Editorial Universitária de Buenos Aires com o título de SOBRE EL DERECHO Y LA JUSTICIA.

Considerando a complexidade do tema, pareceu-nos conveniente introduzi-lo com algumas considerações sobre o próprio processo de racionalização.

Dividiremos, assim, nosso estudo em duas partes. Na primeira, ora publicada, faremos esta introdução. No segundo artigo, trataremos do tema sob o enfoque de Alf Ross.

Na intrincada malha operacional de nossa mente, destaca-se o processo de RACIONALIZAÇÃO, objeto deste estudo.

Extremamente complexo, o exame da aquisição, fixação e desdobramento desse processo reverte-se de especial interesse, pelo que nos revela quanto à formação de nossas crenças e os

mecanismos que inconscientemente desenvolvemos para defendê-las, a par de dotar-nos de uma nova percepção com relação aos nossos semelhantes, espalhando-se num grande campo de compreensão e saudável convivência humana.

A análise do mecanismo da racionalização nos abre o entendimento para a maioria dos aspectos que integram o comportamento das pessoas, tal como a justificativa de sua postura e motivo intelectual perante os fatos da vida e os seus semelhantes, no que respeita aos seus “motivos” e os dos demais.

É no interrelacionamento de nossas emoções e raciocínios, isto é, nos substratos emotivos (irracionais) e intelectivos (racionais) que se desenvolve o processo de racionalização.

O tema está presente em diversificadas obras que abordam o comportamento humano nas suas variadas expressões. Podemos até registrar que o substrato da RETÓRICA - arte da argumentação ou dialética - de Aristóteles, está presente em livros do tipo COMO VENDER MAIS E MELHOR ou COMO FAZER AMIGOS E INFLUENCIAR PESSOAS!

Na realidade, a retórica como ciência da persuasão não se compromete com a verdade, mas com a lógica. Uma cadeia de raciocínios habilmente construída, poderia, por caminhos lógicos, atingir o ponto nevrálgico da absorção e aceitação da idéia, ou seja, a via sensitiva, que é em essência irracional ou ilógica.

Pela adesão à vida sensitiva, por onde penetrará por via da lógica, qualquer inverdade pré-fabricada se fixará. Tornar-se-á praticamente irreduzível, pois passará a ser parte integrante do caráter da pessoa. E, como parte da própria pessoa, será defendida intransigentemente por ela própria. A lógica é uma bela via pavimentada que poderá levar a um magnífico parque ou a um árido deserto. Frequentemente, ao deserto.

A lição de Aristóteles e dos “argumentistas” que o precederam é a chave para que, fundamentalmente pela emoção mas aparentemente pela inteligência ou pelo raciocínio, se possa manobrar as convicções de outrem.

Neste processo, o que se objetiva desde os sofistas gregos aos oportunistas de hoje é deflagrar, nos outros, um mecanismo de aceitação, que se instala independentemente do científico exame

dos fatos, pois a credulidade é a própria emoção habituais manipulada. É o grau de credulidade que determina a diferença entre as pessoas no que respeita a aceitação e rejeição dos m, fatos e conceitos, embora tenham igual nível de formação cultural raciocínio identicamente desenvolvido.

Apresentam-se-nos, assim, duas perspectivas para examinar RACIONALIZAÇÃO: 1) como fenômeno interno de aceitação sedimentação de crenças, idéias, conceitos e opiniões, acompanhados de fortes mecanismos de defesa e reação a qualquer modificação 2) como técnica para tornar aceitáveis crenças e idéias n, modificar as existentes (via de regra nos outros).

O primeiro processo é natural, inconsciente e, uma vez fixado é persistente, de difícil remoção; não é preciso nenhum para crer naquilo que, pela emoção, estamos dispostos a aceitar e fixar, especialmente se o “input” vem organizado logicamente.

Já o segundo processo, o de dissuasão, requer habilidade do agente, é dirigido intencionalmente e em clima impregnado de artifícios. Entra, aqui, a técnica de argumentação dos sofistas, o emprego adequado das falácias, enfim, todos os caminhos em geral tortuosos, para a exploração habilidosa ou astuciosa de uma potencialidade (credulidade) alheia.

Digamos corajosamente: é o que faz o camelô na esquina perante uma assistência de desocupados; o ministro religioso do seu púlpito estarecendo os fiéis com as chamas do inferno; é o que fazemos nós no Fórum, enfrentando o corpo de jurados na hermenêutica.

A análise do processo de RACIONALIZAÇÃO comporta variadas colocações. Está presente, explícita ou implícita, em numerosas obras, algumas clássicas endereçadas aos especialista, outras de divulgação popular. Encontramo-la no direito, na sociologia, na história, na filosofia, na psicologia. Em investigações científicas ou em divagações literárias. A exposição da teoria orienta-se por diversificados caminhos, embora mantenha-se fundamentalmente no conteúdo básico, em todas essas obras.

José Angelo Gaiarsa, autor de um pequeno mas O Espelho Mágico - crê que temos o hábito pessoas ao meio. Só vemos uma metade. A que si enchemos com a nossa própria metade, emocionalmente escolhida.

Por isso a mesma pessoa é tão diferente para tantas outras simultaneamente: para os outros cada pessoa é, a metade, ela própria, e a outra metade, a metade do seu interlocutor. Assim, projetamos nos outros o que é próprio da nossa personalidade e as coisas se parecem como vistas através de um “espelho mágico”.

É um fato cuja compreensão absorveu a vida de C.G. Yung: o inconsciente (a nossa metade que transferimos) funciona sempre complementando a percepção consciente e compensando (a metade do outro, que eliminamos) as deformações de valor e significado de que a consciência sofre, ou que são impostas pela educação ou , pelas circunstâncias.

Bertrand Russel aglutinou, em um só feixe de idéias, a indução, os reflexos condicionados e a racionalização. Afirmou que, “na lógica, as teorias da indução são o que Freud chama de RACIONALIZAÇÃO, isto é, consistem de razões inventadas posteriormente para provar que o que fizemos era uma coisa sensata”.

Escreveu B. Russel que, numa extensa cadeia de condicionamentos, o resultado final poderá ser uma idiossincrasia tão afastada do condicionamento original, inclusive no seu objeto, que se torna difícil encontrar o fato deflagrador, em geral instalado e perdido na infância. O mecanismo do processo, na forma esboçada por Freud, implica na existência de um ego e um superego que medeiam entre o id e o mundo externo, todos trabalhando simultânea e coordenadamente, reciprocamente influenciáveis. A aceitação desse complexo esquema traz amplos esclarecimentos sobre a absorção e fixação de conceitos e idéias e sua posterior externação, sob formas anômalas e patológicas. A RACIONALIZAÇÃO encontra, aí, sua explicação mais lógica e completa.

O psicólogo argentino Mira J. Lopes, nos dá valiosa contribuição quando descreve “os quatro gigantes da alma”. Somos, fundamentalmente, uma amálgama desses grandes sentimentos ou núcleos energéticos: o medo, a ira, o amor e o dever. Os três primeiros são inatos, congênitos, o quarto forma-se por injunção social, é adquirido.

Todos os estímulos que atingem o âmago do nosso ser, seja por via dos sentidos ou pela cognição (intelecto) são por eles - os gigantes - imediatamente “processados” e se transformam em

crenças, Paixões, preconceitos. A seqüência de estímulos se desenvolve em cadeia (condicionamento) e sobre eles nossa vontade e controle têm ação limitada. Mesmo que reconheçamos, por caminhos lógicos, que certas idéias ou procedimentos nossos são inadequados ou até absurdos, ao menor descuido estamos incidindo nas mesmas versões, atenazados pelos mesmos preconceitos ou fanatismos. Acontece em política, religião, esporte, questões sociais, na trama familiar, enfim, em todos os nossos circuitos de entendimento das coisas.

Na verdade, conhecemos pouco das coisas através do raciocínio ou enfoque científico; temos, delas, visões pessoais ou choques emocionais. Ou melhor: em face de determinadas situações experimentais, antes do entendimento racionalista já sofremos o impacto emotivo, acionado à trama neurológica e psíquica, herdada ou adquirida das nossas mais íntimas reações.

De Mira Y Lopes faremos um recuo de dois séculos, mais precisamente de duzentos e nove anos, quando Barão de Holbach publica, em Armsterdan, o Sistema Social ou Princípios Naturais da Moral e da Política. Em 1776 o livro é condenado à fogueira. Pouquíssimos exemplares foram preservados. O que temos em mãos resulta de uma tradução em língua espanhola, versada de uma edição francesa, e sob o título de ENSAYO SOBRE LAS PREOCUPACIONES. Holbach pretendeu escrever a “verdade pela verdade mesma” e, sabemos, quem comete tal imprudência, desde Sócrates até o presente, não pode continuar livre e impune, especialmente quando a sua verdade esbarra com a verdade política e religiosa dominante.

Holbach, na realidade, não chega ao âmago do mecanismo psicológico da RACIONALIZAÇÃO, pois está incursionando no terreno da exprobação política, denunciando opressões e defendendo o direito do “livre pensar”. Ele distingue - como o fizera Hobbes - o conhecimento da opinião, “e esta não é mais que a verdade ou falsidade estabelecida sem exame”. Somente a experiência e a razão, que são o seu fruto, são guias seguros para atingira verdade. As pessoas, embora se julguem racionais por excelência, pouco uso fazem da razão.

Voltamos ao fulcro do problema: a precária utilização do pensamento racional e sua maculação por opiniões, irracionalmente implantadas e inconscientemente cultivadas.

Diz Holbach: “Todo gênero humano é, de geração em geração, vítima de toda classe de preconceitos. Meditar, consultar a experiência, por em exercício a razão, aplicá-lo à conduta, são ocupações que a maior parte aos mortais desconhece. Eles olham como trabalho penoso, ao qual não estamos acostumados, o de pensar por si mesmos. Suas paixões, seus negócios, seus prazeres, seus temperamentos, suas covardias e suas disposições naturais os impedem de investigar a verdade”.

Karl Manheim escreveu IDEOLOGIA E UTOPIA, uma introdução à sociologia do conhecimento, e nele se propõe a estudar o problema de como os homens realmente pensam. Preocupado com a interação entre *objeto e sujeito perceptor*, Manheim analisa as dificuldades quanto à “objetividade”, particularmente no campo social, uma vez que, em realidade, não se pode eliminar o subjetivismo pessoal, ou seja, a influência deformadora dos valores e interesses culturais sobre o conhecimento. Criticando a externalidade do enfoque behaviorista, Manheim defende o processo da “auto-elucidação indispensável”, pois não há como alhear interesses e julgamentos próprios de valor do objeto estudado. Registre-se que Manheim qualificou o mecanismo da análise da vida intelectual e suas relações de dependência aos processos inconscientes (pressões emotivas), como “moderna arma de desmascaramento radical”, hoje utilizada por todos os grupos políticos. Defende a tese de que os elementos valorativos próprios, as convicções íntimas do cientista social, ou do pesquisador, são importantes para o desenvolvimento da sociologia, pois “mediante a técnica da compreensão, a penetração funcional recíproca das experiências psíquicas e das situações sociais torna-se imediatamente inteligível”.

São várias as colocações e conclusões de Manheim mas, o que perpassa por toda a sua obra, é a preocupação com o entrelaçamento entre os conceitos pré-formados do cientista social e o objeto estudado, bem como as conseqüências daí advindas, negativas ou positivas.

Como estamos observando, são inúmeras as formas de abordagem da interrelação das percepções sensoriais, sua elaboração intelectual e a “mixagem” como o complexo sistema de nossas emoções, do que resulta um “output” carregado de conceitos prévios. Vimos, também, que a produção teórica é rica e diversificada.

Reservamos para o final a tese desenvolvida por James Harvey Robinson, em *The Mind in the Making*, traduzido para o português e editado sob o título *A Formação da Mentalidade*. H. G. Welis, referindo-se à obra prognosticou que em breve todas as pessoas inteligentes a estariam lendo, afirmando que a mesma lhe dera a mesma impressão libertadora que, em outros setores, já obtivera em Huxley e William James.

O ensaio do Prof. Robinson classifica a RACIONALIZAÇÃO como uma das quatro espécies de “pensar”. As outras são o devaneio, o pensamento decisório e o pensamento criador. Mas é a racionalização que ocupa o maior espaço da nossa vida mental, formando uma superestrutura que delinea nossos gostos e crenças e comanda nossas ações. Sua importância resulta de que “a maior parte do chamado raciocínio humano consiste em descobrirmos argumentos para continuarmos a crer no que cremos”. E quais são as razões reais de nossas crenças? Elas não resultam do estudo sistemático dos fatos, de suas causas e efeitos.

Elas são o produto da absorção das idéias que circulam à nossa volta, desde a infância, permeabilizadas com maior ou menor rapidez, e posteriormente fixadas, segundo a nossa disposição emocional. Quanto mais arraigadas, quanto mais conduzidas emotivamente, tanto mais inquestionáveis.

Robinson tenta encontrar explicações para o fenômeno. Há, segundo ele, quatro camadas históricas subjacentes na mentalidade do homem civilizado: a animal, a infantil, a selvagem e a tradicional (ou social) criada pela vida civilizada. Diz Robinson: “Fomos todos animais e nunca deixamos de o ser; fomos todos crianças no período mais impressionável de nossa existência e nunca escaparemos aos efeitos desse fato, nossos ancestrais viveram em estado de selvageria durante praticamente toda a existência, uns 500 mil ou um milhão de anos, e a mentalidade selvagem

subsiste dentro de nós; e, finalmente, somos filhos duma civilização dá qual não podemos fugir aos efeitos”.

Eis uma explicação aceitavelmente lógica, embora refira-se apenas à externalidade do problema. Mas seria exigir demais fosse adentrada a intimidade do fenômeno - Robinson é filósofo e historiador, não fisiologista ou neurologista - e, ademais, sabemos que os mais avançados estudos experimentais sobre o funcionamento do cérebro e suas bases mecânico-químico-elétricas apresentam resultados obscuros e contraditórios. Atingir resultados indiscutíveis implicaria em desvendar os segredos das células do tecido nervoso que, somente dentro do crânio, atingem a 10 bilhões todas interligadas.

Bastante tempo, certamente, ainda passará até que sejam analisadas as forças dinâmicas que agem no cérebro. Até lá, muito pouco saberemos sobre a formação dos nossos pensamentos, raciocínios e emoções, ficando o campo aberto a toda sorte de especulações filosóficas.

SUGESTÕES PARA LEITURA

1. FREUD, Siegmund. ESBOÇO DE PSICANÁLISE. São Paulo, Editor Victor Civita, Coleção Os Pensadores, Abril Cultural, volume XXXIX
2. GAIARSA, José Angelo. O ESPELHO MÁGICO - UM FENÔMENO SOCIAL CHAMADO CORPO E ALMA. Petrópolis. Editora Vozes Ltda. 1973
3. HOLBACH, Baron.de ENSAYO SOBRE LAS PREOCUPACIONES. Buenos Aires. Editorial Rier. 1947
4. MANNHEIM, Kari. IDEOLOGIA E UTOPIA- Introdução à Sociologia do Conhecimento. Porto Alegre. Editora Globo. 1950.
5. MIRA Y LOPES, Emílio. QUATRO GIGANTES DEL ALMA. Buenos Aires. Editor El Aténio. 1950
6. ROBINSON, James Hervey. A FORMAÇÃO DA MENTALIDADE. São Paulo. Editora Nacional. 1945
7. RUSSEL, Bertrand. DELINEAMENTO DA FILOSOFIA. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1954